

03-12-2020

O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ (parte I)

Bruno Chapadeiro

[Professor do PPG em Psicologia da Saúde – UMESP]

O brilhante escritor George Orwell, nascido Eric Arthur Blair, cunhou a frase título desse artigo no terceiro parágrafo do primeiro capítulo de seu romance “1984” em que a personagem Winston Smith se dá conta de que “(...) era uma daquelas imagens que são tão artificiais que os olhos o seguem quando você se move.

O BIG BROTHER ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ...”. Mais tarde na narrativa, tal mote publicitário aparece em cartazes e anúncios de televisão como um slogan político. Na “sátira” política orwelliana (ou seria exercício de futurismo?), o *Big Brother* é a autoridade suprema de um estado totalitário.

A frase se refere à vigilância governamental sobre as pessoas com aparelhos de escuta e câmeras, onde o Grande Irmão (*Big Brother*) é o chefe do regime totalitário. Todos nesta sociedade estão sob vigilância das autoridades, onde a frase em questão assume uma linha de propaganda, o que significa dizer que os cidadãos de Oceania têm que seguir os ditames de seu líder. Caso não o façam, o *Big Brother* saberá, pois os espia o tempo todo. Este simboliza o poder ditatorial olhando para a vida das pessoas. É todo poderoso e semelhante a Deus, substituindo o amor da vida das pessoas por medo e esperando que elas sigam as regras, independentemente da necessidade de trair suas próprias vidas em sua honra. Assim, sua imagem é séria e severa, nunca realmente vista pessoalmente, embora aqueles que estão no poder o usem para manter o controle sobre a população.

Pois bem, Reis (2020) nos coloca uma indagação: Em que medida a produção de um estado de guerra ao terror global intermitente tem aberto brechas para governamentalidades apoiadas no medo e na invasão manifesta das vidas e dos corpos das pessoas? A ascensão de governos totalitários faz-se comumente a partir do medo instaurado. Seja por segurança ante ideias segregacionistas ao outro que rouba meu emprego, minha integridade física e mental, meu conforto/sossego e me tira o sono e invade minha vida privada, seja pelo espectro da promessa de retorno a um passado glorioso, onde a Nação faz-se grande novamente mediante a assunção da cartilha do “nós contra eles”. Freud (2011) bem relacionou a questão do contágio das massas a um devaneio ideológico, assim como Reich (2001),

Sontag (2008) e Levitsky & Ziblatt (2018) expuseram bem o ovo da serpente do fascismo empreendendo o anticientifismo, e do totalitarismo religioso que andam de mãos dadas. Sob o signo de um Estado que exige uma racionalidade cartesiana de quem o administra, por outro impõe uma fé quase religiosa por parte de quem o elege, sujeito e objeto mesclam seus valores em uníssono, de modo que a domesticação do escravo contente, nos dizeres de Tragtenberg (2012), e uma maior cooperação unilateral encobre as relações de dominação nas quais o trabalho é função do capital. Aceita-se o dever-fazer sem contestes. Colo minha subjetividade aos ideais de uma organização, de um governo, de uma ideia como se fossem as minhas próprias, desenvolvidas e pensadas unicamente por mim. O que eu penso e acredito é superior às evidências. Inverte-se a lógica: contra os fatos há sim argumentos. E opiniões contundentes baseadas em nada. Tudo que é sólido, desmancha-se no ar. Tal como expuseram Schwartz & Sterling (2020), se o século XX iniciara-se sob afã do desenvolvimento tecnológico do “mundo moderno que irrompia e tinha pressa” (p. 21) com a introdução dos veículos automotores, aviões, o telefone, a iluminação elétrica, a anestesia etc. em que toda euforia cai por terra com a I Grande Guerra de 1914 precedida da Gripe Espanhola ao término da mesma em 1918, não obstante o séc. XXI traz na rebarba o advento da internet, subproduto perfeito à globalização, como forma de conectar os povos. Seu primeiro colapso, (im)posto midiaticamente à base do medo, foi previsto a partir do famigerado Y2K, o “Bug do Milênio” da virada dos anos 1999/2000 que prometia a pane nas máquinas. Fora, contudo, uma marolinha. Para as autoras (p. 24), o séc. XXI pode ter de fato sido iniciado neste ano de 2020 em que, semelhante à experiência do início do século predecessor, vínhamos na azáfama da Indústria 4.0, da Inteligência Artificial, da Robótica lato sensu e do trabalho mediado por aplicativos digitais. Entretanto, o que colhemos foi o prenúncio de uma III Guerra Mundial precedido da pandemia de covid-19 que suspende tal “progresso” tecnológico envolto a propostas de justamente regular-se a vida online para que a democracia não seja substituída pelo fascismo e seu estado de exceção permanente.

Em tempos onde as *Fake News* alastram-se como cânceres no meio digital e chegam a mudar o rumo de democracias, como exposto no documentário de Thomas Huchon “*Driblando a Democracia: Como Trump Venceu*” de 2018, ou ainda as colocam sob vigilância de um único Estado-Nação como demonstrado no filme “*Snowden - herói ou vilão*” de Oliver Stone.

continua

<p>Ou ainda, manipulam nossa subjetividade a partir do manejo dos afetos e dos desejos, criando adição, como bem mostra o “<i>Dilema das Redes</i>” da Netflix.</p> <p>Faz-se mister nos atentarmos que, enquanto “escravos contentes”, partilhamos (in)voluntariamente nossos dados pessoais a organizações e governos que os utilizam com fins à valorização de capital.</p> <p>“<i>Dados são o novo petróleo</i>” como expresso no documentário “GIG - a Uberização do Trabalho” de Carlos Juliano Barros, Caue Angeli e Maurício Monteiro Filho da Repórter Brasil.</p>	<p>Na internet, “se você não paga por um produto, você é o produto” diz o jornalista e programador Denis Zanin, quando interpelado por Andrea Paiva e Bruno Rodrigues no mini-doc “PRIVACIDADE. O Controle Obscuro”. O marketing digital alimenta o chamado <i>Big Data</i> com vistas ao lucro onde nesse ínterim, nós somos o produto. O que curtimos, compartilhamos, vemos, lemos, a forma com que nos engajamos nos conteúdos das redes sociais e demais mídias digitais (e não lemos seus termos de compromisso), são hoje o capital mais precioso. ■ ■ ■ (continua – parte II)</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	